



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

17 DE JULHO DE 1965
ANO XXII — N.º 557 — Preço 1\$00



PORTUGAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * FALCO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR Padre Américo

VALER DO CARREIRO PARA FALCO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZEIRA
COMPANHIA DE IMPRESSÃO NAS ESCOLAS GRATIAS - A CASA DO GAIATO



Pai Américo na varanda do seu escritório

Aquí, LISBOA

Acontecimento recente mais nos fez considerar o dom da vida, em nós e nos outros, e ver quão precária é a nossa aparente ou suposta estabilidade neste mundo. E como todos os factos, por mais insignificantes que os julguemos, encerram uma lição e obedecem a um plano providencial. O orgulho em que tantas vezes nos debatemos e o egocentrismo em que nos situamos, são obstáculos a vencer, se queremos ocupar o nosso verdadeiro lugar, que é único e definido, como as peças de uma máquina. Qualquer distração ou desajustamento podem conduzir à morte, não só do corpo mas, o que é mais grave, também da alma, da própria e até da dos que nos estão porventura confiados.

Vem tudo isto a propósito da insensatez e da ausência de cuidado de muitos pais, no fundo a traduzir falta de amor, pela vida de seus filhos, vida física e vida da alma, apesar dos exemplos de todas as horas, com as consequências mais imprevisíveis e tantas vezes irreparáveis. Supomos já ter dito ser o homem um dos seres que revelam nos primeiros tempos da existência mais reduzida autonomia. Não dispensa, como as plantas dum jardim, dos mais requintados grangeiros e do desvelo permanente e activo dos seus naturais jardineiros — os pais.

Gerar filhos também os irracionais os geram e instinto da paternidade também os brutos a mostram, às vezes para nossa edificação e exemplo. Porém, educá-los, no sentido que a palavra comporta, só cabe ao homem fazê-lo. E isto traduz o contrário daquilo que tantas das vezes é norma: abandonar as crianças a seu belo prazer, permitindo-lhes tudo, desconhecer os locais por onde andam, ignorar as pessoas que com elas convivem, numa apatia ou indiferença autenticamente criminosas, o que nos pode levar a considerar pais assim como verdadeiros assassinos, se não directa, pelo menos indirectamente. Os resultados estão à vista: jovens prematuramente envelhecidos, de corpos enfraquecidos e de almas «pequeninas», cheios de vícios e de taras. Sucede, para cúmulo, que se há alguém com a coragem de, embora delicadamente, dizer algo aos responsáveis, estes põem o seu orgulho a funcionar, de senhores autosuficientes e ensimesmados, escudados na sua comodidade egoísta, recusando aceitar as duras e tantas vezes tristes realidades das coisas. «Que não os chateiem», dizem, e «que se metam nas suas vidas», concluem enfaticamente, pondo ponto final à conversa. Pobremente, como é próprio dos espíritos tacanhos, falarão proximoamente dos direitos próprios e dos deveres dos outros...

Sem famílias conscientes, em que cada um dos pais sabe o que quer e o como, dedicadas, com espírito de sacrifício e conhecedoras dos deveres não podemos ter jovens equilibrados, de corpo e alma sãos, autênticos e dignos adultos de amanhã. O dom da

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

16 de Julho

É este o nono depois daquele, triste para a nossa condição terrena, em que ele deixou de pertencer ao mundo dos homens, para melhor os servir lá do Céu.

Jesus também não ficou fisicamente, de modo acessível aos sentidos dos mortais. Mas ficou realmente, de modo acessível à Fé dos que acreditam e confessam que «Ele é o Cristo, o filho de Deus vivo», não porque «a carne e o sangue lho tenham revelado, mas sim o Pai que está no Céu».

Os homens de Deus não permanecem no mundo por uma presença real como a do Mestre, mas por uma presença moral que se reconhece nos efeitos da sua intercessão.

Quem pensa o Céu como uma condição de inactividade? Lá, Pai Américo continua a conduzir e a velar — e nós experimentamo-lo. É por isso que a sua presença se não apaga: antes a sentimos cada vez mais, pela libertação do que é accidental; e mais pura, pelo reflectir do que é a sua vida essencial: ver a Deus e fruí-LO no grau de glória que recompensa os méritos ganhos durante a vida que há nove anos deixou.

Por isso, para os que o amam sabendo a quem amavam, este aniversário seria triste só se a sensibilidade apagasse a Fé!

Que seja pois, este dia, para os teus filhos, Pai Américo, um dia de prova na Fé. E que conclua com a mesma certeza que te possuiu durante a vida e te ganhou a Vida: «A vitória que vence o mundo é a nossa Fé».

AREIAS DO CAVACO

FESTAS — Manhã cedo. Dou graças, depois da Missa, num cantinho da nossa capela. Fora, ao lado, um grupo de pequenos, orientados pela mão de mestre que é o Américo, ensaiam canções. Deixo-me prender pela melodia. São vozes de crianças. E vou subindo até ao Senhor, levado por elas. Ontem, na rua, não cantavam. Ontem, na rua, choravam o abandono a que tinham sido

votados. Hoje, cantam. Hoje, riem-se. Se os homens quiserem... haverá alegria no rosto de tantos pequenos que ora vagueiam pelas ruas das

Cont. na TERCEIRA página

UM RECANTO DA NOSSA CASA



AGORA

Em conclusão desta saída da Procissão começada no derradeiro número, conforme se prometeu, aí estão os das Casas a prestações.

Por Barcelos, passa Eulídia com mais dois mil para a «Casa Carolina» e uma carta muito simpática dirigida ao Júlio, e rematada com «beijinhos aos seus filhinhos, aos «bata-tinhas» e a todos os matulões. Para os maiores os meus respeitosos cumprimentos».

Quem se não há-de regalar com estas prestações, que dão pretexto a manifestações tão gostosas de amizade cristã!...

Damos um salto do Minho, à costa do Índico e aí temos nós o conhecido Cruz, representando a Beira. Apareceu quatro vezes, espumante de amizade como sempre. Informamo-lo que, com a remessa de 3/6 p. p., a «Casa Graças à SS.ma Virgem» fica em 16.100\$00. Faltam pois 900\$00 para que o facho passe desta Casa para a «Casa de meu Pai».

Regressamos à Metrópole. É Lisboa. É «uma Mãe» com 3x100\$00 para a «Casa de S.ta Terezinha, pela salvação dos meus filhos», «que é a única coisa que me preocupa num mundo em que tudo convida à perdição». Ah! que se houvesse muitas mães com esta só preocupação, não se diria tanto mal da «Juventude transviada» que prolifera por aí. A Casa fica, com estas prestações, em 2.200\$00. Da Av. dos Estados Unidos da América, só encontro uma remessa de 500\$00 relativa a Janeiro e Fevereiro. E depois?... Faltará a saúde, ou terá sido extraviado nesta desarrumada secretária de tantos papéis?

Continuamos em Lisboa e, já agora, vamos por lá demorar.

É uma achega de mais 400\$ à «Casa de S.to António», do «casal sempre noivos». São notícias também correspondentes a Janeiro e Fevereiro. E não tive mais.

Agora é um grande Amigo, o assinante 8672, com remessa para vários fins e também para prestação de uma casa. Passa a Maria Antonieta com três «migalhinhas» para a «Casa das três Marias» uma das quais mais avultada, «que foi o 1.º dinheiro recebido de minha filha mais velha».

«Tendo completado os 12 contos para a «Casa de António e do Fernando», e prometendo nessa altura ir enviando quanto pudesse para chegar aos 20 contos, envio agora 300\$00». Viva a Mãe do António e do Fernando. E que Deus lhe abençoe os filhos.

A «Casa da Avó Ema» fica na 85.ª com 600\$00. Já há uma temporada que a neta não comparecia! Como vê, aqui não se marca, mas sente-se a falta. A Procissão é uma roda de amigos e os amigos gostam de se ver amiúde. Por isso muito desejava saber do seu paradeiro nas queridas terras de Angola, para onde vai ou terá ido já.

Queridos Amigos: — A nossa Caridade para com os Pobres tem que ser constante e nunca se dar por satisfeita. Para melhor os conhecermos, temos de ir a casa deles sem medir o tempo quando os ouvimos falar na sua vida com pormenores muitas vezes para nós um pouco fatigantes. Mas eles ficam tão contentes, dando-nos a explicação das suas misérias — tantas vezes repetidas a uns e outros — que vale a pena o sacrifício que fazemos em os ouvir. Quantas vezes aquele desabafo nos faz transformar a nossa vida, tornando-nos, daquele dia em diante, mais compassivos, mais carinhosos para com os nossos irmãos menos afortunados!... Venho, pois, com este meu desabafo, e por intermédio de «O Gaiato» — este revolucionário, que devia entrar em todos os lares — lembrar-vos que temos muitos trabalhos feitos à espera dos vossos pedidos. Não queiram deixar as raparigas, e tecedeiras, na ociosidade que é a mãe de todos os vícios. Não quero também, de forma alguma, que elas pensem que já não querem saber desta Obra, que por vosso intermédio se tem mantido de pé. As coisas são o que nós quizermos que elas sejam. Não deixem, pois, para a última hora os vossos pedidos, porque depois já não

Mais 5 contos para a Casa «Jesus muito obrigado por me deixares construir. Sabes bem o que preciso e não me atrevo a pedir».

Outra Mãe lisboeta: a «que crê em Deus», com 4x100\$00. A Alda, de Campolide, com 5x500\$00. Helena com outras tantas prestações.

Agora é Benfica, com a 7.ª de mil para o «Lar Carmo e Carlos». Quatro presenças do assinante 6790. A 2.ª prestação de 4.000\$00 para o «Lar Cristão». Pai e filha batem-se bem nestes duelos do amor do próximo!

Deixemos Lisboa, rumo ao norte. A primeira paragem é em Torres Novas com mais 200\$00 da assinante 20335. A segunda em Aveiro, com dois casais à porfia: o «Casal agradecido a Deus» — 2x1.000\$; e o «Casal-assinante 28562», que fica na 106.ª prestação de 100\$00. Que o Senhor tenha melhorado já completamente a filhinha deste casal tão amigo dos outros porque tão amigo entre si.

E vamos passar no Porto. É Berta e Jorge com 3x100\$. É a «Casa Pai Américo» com 4 vezes a mesma quantia. É a «Casa Coroação» com 5 vezes 1.500\$00. Esta pertence ao célebre Rosário de Casas. É MM — AL com 2x1.000\$00. É o Alberto do «Plano decenal» com 2x100\$00 e uma de 200\$00. Esta casa, pelas nossas contas, com a remessa de 30/Abril (altura que cá chegou) fica em 11.600\$00.

A «Casa de S. Bernardo» ficou em Junho passado na 13.ª prestação, ou seja a totalidade de 6.500\$00.

Um saltinho a Nespereira, para arrecadar mais 300\$00 para a «Casa de N.ª Senhora do Rosário», referente ao 1.º trimestre do corrente ano.

E voltamos à Invicta, para aí terminarmos o longo percurso da Procissão de hoje. É a «Casa do Ednardo» com 1.000\$00, ou seja a 9.ª e 10.ª prestação, relativas a Fevereiro e Março.

B * e * l * é * m

Nós andávamos há tanto tempo a pedir ao Pai do Céu chuva para a nossa quinta e também para a dos outros... Mas não vinha, não vinha!

Também só sabemos pedir, pedir! O Senhor enche-nos a toda a hora de favores, começando pelo da existência, e nós agradecemos-Lhe tão pouco!

Somos umas crianças grandes. Desapreciamos o que possuímos e gastamos o tempo a desejar o que não temos. Malbaratamos os bens que recebemos e sentimo-nos infelizes pelos que não conseguimos. Só quando deixamos de usufruir é que damos ao que tivemos o valor exacto. Por isso nos faz bem sentir de quando em quando, a falta de coisas indispensáveis à vida.

Pois este ano a falta foi de chuva. O Inverno só deu frio e geadas. Chegou a Primavera e os lavradores bem olharam para o Céu, a pedir rega generosa que lhes prepa-

O motivo da falta de pontualidade é eu e o meu marido encontrarmos-nos muito doentes rogando a Nosso Senhor e a Sua SS.ma Mãe que nos alivie».

Assim pedimos; assim esperamos — nós todos, os desta Procissão que toma a sua forma no mesmo amor a Cristo-Pobre, no Pobre.

ORDINS

há tempo de os atender a todos.

Encomendas enviadas: — Ribatejo, 1 chale; S. João da Madeira, 1 colcha. Temos algumas feitas em lã e algodão, medem 2,30m.x1,60m, e custam apenas 200\$00. Creiam que não são caras. Não exploramos; o que nós interessa não é o negócio; mas sim o fim a que a obra se destina. Do anónimo que se assina Bem haja, temos recebido sempre os cem mensais, e tomamos nota do fim a que se destina. Quanto ao desejo que vários leitores nos comunicaram, de termos um mostruário dos nossos trabalhos, no Lar do Gaiato em Lisboa, está em vias de se tornar realidade. Besteiros, 1 capa; Lisboa, 1 chale; Setúbal, 1 capa e um par de soquetes para dormir; Lousã, 2 colchas e tapetes iguais;

«Ficou um conjunto bonito, Estamos satisfeitos. Os nossos votos é que tenham sempre que fazer». Por vezes acontece assim, mas não desanimamos, esperamos sempre por dias melhores. De M. T. a oferta do costume, é pequena mas certa, e «Deus sabe às vezes o sacrifício que faço para não faltar com ela». São estas a meu ver que têm mais valor. A este respeito, vou até contar um caso que nos aconteceu há bem pouco tempo: — Uma pessoa trazia há muito no coração a ideia de nos ajudar, mas nunca se lhe propunha a ocasião por ser muito pobre, decerto. Mas um dia, resolveu o seguinte: «Tenho uns nove-los de tiras, para tecer uma manta... vou-lhas mandar, tecem a manta... e pago-lhes o feitiço, e já é uma ajuda». Até aqui, tudo muito certo. Mas eis que um dia recebo um postal, dizendo o seguinte: «Lamento bastante ter de lhe dizer que o melhor é ficarem com as tiras, porque não tenho dinheiro para pagar o feitiço». Chocou-me tanto esta sinceridade, que fizemos a manta o mais depressa possível, e enviou-se-lhe sem qualquer remuneração. O postal que depois recebi... é um hino de louvor a Deus! Ai da Obra que não tem destes sacrifícios!...

M. A.

rasse as terras para as sementeiras. Mas ela não veio e foi preciso ir arrancar água aos poços e nascentes, já tão miniguados dela.

Nós pedimos chuva ao Céu, mas só veio naquele dia grande para a Diocese de Viseu, em que ninguém a esperava nem desejava. Foi a 6 de Junho, Festa do Pentecostes. Sim, nesse dia até mesmo os camponeses esperavam um sol radioso que tornasse mais brilhante a recepção ao nosso novo Bispo.

Estou em crer que aquelas hátegas inesperadas, caindo mansamente, significavam a chuva de graças recebidas do Divino Espírito Santo, pelas mãos consagradas do nosso Bispo.

Dessas graças precisamos ainda mais do que de chuva para os campos.

A alma vale mais que o corpo.

O espírito está acima da matéria.

Mas nós também costumamos inverter os valores, mesmo quando fazemos as nossas petições ao Pai Celeste. Se em primeiro lugar desejássemos e pedíssemos que viesse a nós o Seu Reino, tudo o mais também viria. Se acima de tudo puséssemos a Sua Justiça, tudo o mais nos seria dado. Foi Cristo que no-lo assegurou e Ele é o único que não se engana nem engana.

Pois naquele dia de chuva também nós saímos bem alegres para a rua, pequenino grupo a juntar-se ao mar de gente que era já o Largo de Santa Cristina. E de lá seguimos, incorporadas no cortejo, no lugar destinado à nossa Paróquia, a acompanhar o Senhor Bispo à entrada solene na Sua Sé de Viseu.

Eu tinha convite para entrar na Sé, mas preocupava-me aproveitando ao máximo esta oportunidade para dar às Belenitas o sentido de Paróquia e Diocese. Fez-lhes bem andarem lá pelo largo da Sé, observarem os grupos, as bandeiras e dísticos das várias paróquias, isto de mistura com uns encontros e umas pisadelas de calos. Elas são do povo, têm de aprender a andar no meio do povo.

Depois do Senhor Bispo entrar, com bastante dificuldade, conseguimos passar aos claustros e de lá para dentro do templo. Elas esgueiraram-se por entre as pessoas crescidas e só pararam depois de avistarem o Senhor Bispo.

Antes de virem para Belém eram umas desintegradas da Família, da Paróquia, da Sociedade. O problema agora está em integrá-las de novo. Isso não é nada fácil, mas as dificuldades maiores são as que vêm dos outros. Não é nada fácil, mas foi para isso que vieram.

I n é s



Aqui Lisboa

Continua da PRIMEIRA página

vida, na sua dupla dimensão, alma e corpo, é dom transcendente. Menosprezã-lo é atentar contra Deus Seu Autor, e contribuir para o avolumar de «casos» que enxameiam por aí, por mal dos nossos pecados. Atribuir ao destino aquilo que é fruto próprio, filho da nossa cobardia, do nosso orgulho e do nosso egoísmo, é argumentação que não convence ninguém, nem a nós próprios. A educação dos filhos exige amor, desprendimento, renúncia e espírito de sacrifício, com a concomitante acção vigilante e formadora, sem exageros absorventes que contrariem a liberdade das criaturas de Deus. Neste cantinho em que humildemente nos situamos tudo faremos por modificar aquilo que não está bem. Vale a pena.

A grande Família Vicentina do Patriarcado veio até nós com o seu e nosso insigne Prelado. Horas grandes se viveram. Honraram-nos tais presenças e tocaram-nos tantas provas de estima e carinho. O Evangelho posto em prática é coisa apaixonante. Como é belo sentirmo-nos irmãos uns dos outros e amarmo-nos como tal! Venham mais vezes, caríssimos Confrades!

Fernando «Algarvio» é um garoto de seis anos, vivo e de linguagem assaz curiosa, no sotaque e na fraseologia. Como muitos dos nossos é uma acusação viva: um traço no lugar destinado ao nome do progenitor e o não cumprimento das responsabilidades inerentes a um dos autores da vida. Quando se perguntou ao pequeno quem era o pai ele respondeu sem hesitação: «é um cabrão qualquer». Perdoem-nos a nudez da expressão, embora posta nos lábios inocentes de uma criança. Ela traduz, no entanto, uma realidade dolorosa, de que a vítima principal ainda não tomou plena consciência e que é, nem mais nem menos, do que a negação dum direito natural sagrado — o dos filhos usufruírem das atenções e dos cuidados relativos à paternidade e de não serem tratados como coisas. Pobre sociedade que isto permite!

Zé Manel tem doze anos. Está encarregado das obrigações no corredor da casa onde se situam os nossos aposentados. Costa imenso de tocar em tudo e é um tanto dado à «sorna», como dizem os companheiros. Quando um dia destes nos dirigiamos ao quarto de dormir, eis, calculem os Se-

nhores, que espectáculo vamos surpreender: Zé Manel, de botas grossas, frente ao guarda-fato, olhando o espelho e a enfiar as nossas avantajadas calças de pijama! Voltámos costas, pois, não poderíamos deixar de rir. Nem uma palavra a verberar o procedimento daqueles 12 anos, vida a desabrochar. Uma «vingança» à hora do tribunal, isso sim: Zé Manel é o «colças»! O que virá a seguir?

Obras. Por amor deles, para eles e por eles, elas continuam. Como? Perguntai ao Pai do Céu, que nós não sabemos. Para o novo ano lectivo, teremos, salvo imprevisto, a inauguração das escolas. São uma maneira de ajudar a reparar as nossas culpas. As pocilgas, os aviários e as novas oficinas seguir-se-ão. Com Deus e com os «cheques» da Sua misericórdia. O resto é fogo de vista.

Ericeira. S. Julião e as ondas do mar. É a praia, ansiosamente esperada por todos. Continua por resolver o problema da água. No ano passado, com vendedores e tudo, conseguimos gastar cerca de trinta contos, aparentemente em vão. Que nos reserva o Senhor de tudo? Ele não pode deixar de querer para

Cont. da PRIMEIRA página

nossas cidades, sofrendo... inocentemente.

Esperai mais um pouco, e sereis arrebatados, como eu fui, pela melodia e pela arte dos nossos pequenos, nos palcos dos nossos teatros.

— x —

A nossa Aldeia — Era meu propósito anunciar-vos já o início das Obras. No momento em que escrevo, não o posso fazer. Quando estas notas saírem prá rua, por certo, já andaremos às voltas com os alicerces.

Não haverá foguetes, nem copos de água, nem discursos, quando do lançamento da primeira pedra. Como Pai Américo levantou a Obra em Paço de Sousa, Coimbra, Setúbal, Lisboa, Calvário, assim aqui também.

A Obra a erguer é grande e séria demais para ser celebrada com foguetes, copos de água e discursos, não raro, vazios. O garoto da rua é algo de muito precioso para ser lembrado dessa maneira. O garoto da rua não pede foguetes, nem copos d'água, nem dis-

os Seus Filhos o liquido precioso, indispensável nas limpezas e na preparação do alimento de cada dia. Quem vem em auxílio?

«Máquina que faz tudo». Acusam-nos de que não nos ligaram importância. Sim, temos a consciência da nossa pequenez. Os alfaiates é que não entendem a coisa e põem o problema assim, da nossa maior ou menor importância. Acusam-nos, no entanto, e coloquem a importância nos Senhores Alfaiates, que esses sim, é que merecem a «tal» máquina de costura!

Amigo da primeira hora veio até nós com dois dos filhos, em «viagem educativa e de exemplificação». Na nossa frente, pequeninos, como vermes, dá lição, doutrina e educa. No fim, através das quatro mãos juvenis a seu cuidado, manda-nos entregar, «apesar de não sermos ricos e para se habituarem ao desprendimento do dinheiro», duas vezes 2.500\$00. O nosso silêncio foi a melhor prova de que também éramos alunos. Há quadros e situações que são indescritíveis e apenas se podem viver. Como o Senhor é grande!

Padre Luis

Por mor do ficheiro do livro estar sempre mais ou menos em ordem, manda a boa organização (e, até, o desejo expresso de muitos assinantes com vida ocupadíssima) que meses após a recepção de qualquer obra, se envie um postal-aviso comunicando calotes ou «pseudo-calotes». Os da primeira secção na maioria, desobrigam-se que é um amor. E de que maneira! Botem os olhos já para esta carta:

«Pelo correio envio um vale de 30\$00 para pagamento da minha dívida.

Fica assim pago, (mas tarde e mal) o «Pão dos Pobres» que, há tempos, recebi. Perdoem-me a demora e espero em Deus que para a outra vez não tornarei a esquecer-me. São os 80 anos.

Deus os proteja na alma e no corpo».

A alma do Justo é assim. Abre-se. E invoca o Apoio divino pra seus irmãos: «Deus os proteja na alma e no corpo». Beneditos 80 anos!

Então aquela outra Amélia da capital! Leiam e saboreiem:

«Desculpem o atraso. A vida é difícil. Já tinha o volume da outra edição (do «Pão dos Pobres»), mas dei-o a alguém que o apreciou. Gosto que nos mandem sempre. É um raio de luz nesta tempestade da vida. Tenho pena de não mandar muito».

Que não servisse pra mais, só isto bastava: O «Pão dos Pobres» é um raio de luz nesta tempestade da vida, porque revela a Cruz de Cristo na pessoa dos nossos irmãos. E que após a Cruz será a Ressurreição. Duas verdades que muitos ignoramos, outros escondemos e pouco vive-

Pão dos Pobres

mos! Mas, quando se descobrem, são «autênticos raios de luz».

Agora, outro capítulo. Doloroso, talvez. É a nossa «desorganização organizada»! E que precisa de ser ajudada e compreendida — pra andar mais na linha.

Epoca de postais é igual a epoca de dores de cabeça. Foi o lídio que, praticante no serviço de ficheiro, armou asneiras em série, e só agora descobertas. O «Caixa d'Óculos» também faz das suas. Eu também faço algumas... Mas temos presados leitores que também colaboram inconscientemente na profusão dos lapsos. É um vale de correio enviado sem qualquer explicação. Dias há, de correio em barba, graças a Deus... É uma entrega a um dos nossos vendedores do jornal que, de tanto mexer nos bolsos, perde o papelinho e... a «massa». É uma remessa pra liquidar o «Famoso» sem a indicação expressa que seria, também, pró livro. Mas como o ficheiro deste, infelizmente, só tem grande movimento quando se edita uma obra, a prudência e precaução cingem-se, apenas, a essa altura — pra não evitar duplicações de serviço e perdas de tempo. Por isso, não é de admi-

Continua da QUARTA página



cursos. Ele pede e exige, porque tem direito de o fazer, uma Casa de família onde possa crescer em todas as dimensões. É isto o que vamos fazer.

A alguém, de muita responsabilidade, a quem falámos dos planos que nos enchiam da cabeça até aos pés, ouvimos dizer: «E onde o dinheiro para realizar uma Obra de tamanha envergadura?» Respondemos sorridentes: «Não o temos. Não sabemos, ainda, donde é que ele há-de vir. Mas temos uma confiança inabalável de que nos há-de chegar a tempo e horas e para tudo o que for necessário». Foi, por certo esta a melhor herança que nos legou Pai Américo.

Os Padres da Rua são mendigos. Não querem outra «profissão». Nenhuma para eles mais bela do que esta. Ao serviço do rapaz da rua, do doente incurável abandonado, do

miserável, o Padre da Rua quer gastar a sua vida. É com estas credenciais que o Padre da Rua que escreve estas notas se há-de apresentar, em toda a parte, diante de vós.

A Obra que ora vamos erguer terá por alicerces: a discreção com que pessoa muito amiga, nos entrega 1.000\$00. Mais 500\$00, do Lobito, 270\$, de várias pessoas. 1.100\$00, nas mãos de um pequeno vendedor de «O Gaiato». 3 pneus novos da «Mabor» para a nossa carrinha. 500\$00 de Impulso. 50\$00, de Luanda, de «uma admiradora da Obra» para ajuda de um tijolo. O dobro

de M. A. e pede orações. Mais 50\$00, de Benguela. E o mesmo da Catumbela, 20\$00 de um anónimo. 80\$00, referentes ao mês de Março e Abril, de pessoas amigas. 120\$00, da Catumbela. Solas, calfes e mais acessórios, para a nossa oficina de Sapataria. Mais 1.000\$; mais 500\$00 e mais 175\$00, de quem muito nos quer. Outros 500\$00 e promessa de vir todos os meses. 200\$00, da Catumbela. 20\$00 mais 100\$00 mais 100\$00. Outros 100\$00, com um abraço muito amigo. Mais 170\$00. E do Lobito, 120\$00. Catumbela volta com outros 100\$00. Remédios da C. V. P.. Todo o peixe necessário para os nossos rapazes, de Benguela.

Bem hajam.

Padre Manuel

Visado pela
Comissão de Ceusura



TRIBUNA de Coimbra

Escrevo esta encostado a uma oliveira e tendo diante de mim um campo de milho onde os mais velhinhos arrendam e o Elísio vai regando. Lutamos pela nossa subsistência neste ano em que a agricultura mirra à falta de água, embora neste momento pairam sobre as nossas cabeças nuvens ameaçadoras de chuva.

O Pai do Céu sabe bem que nos tem cá, mas conta com a nossa colaboração e esforço. A nossa agricultura tem exigido a nossa presença e não temos podido sair a esgravar nas ruas e as tuas presenças têm sido muito espaçadas.

Vamos dar-te contas do teu encontro connosco desde meados de Fevereiro: vinte à porta da Igreja da Graça; quinzeatos de caval vizinho que nos aparece mais duma vez ao ano; vinte à porta de Santa Cruz; dez na Praça Velha; cinquenta ao Prior de Santa Cruz; cem de médico universitário; cinquenta mais vinte e mais cem em Santa Cruz; uma carta com cheque de quinhentos de Moçambique; quinhentos levados ao Lar; cem dum empregado bancário; cem na rua, de Professor Universitário; cinquenta de Juiz sempre generoso e amigo; mil de Lisboa; cem na rua; vinte à porta de Santa Cruz; 400 mais 400 das Amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel que ainda não cansaram de há tantos anos que nos amam.

Quinhentos numa clínica, levados ao Lar; 450 deixados no Castelo; 25 por alma da Mãe; 250 da Auto-Industrial; quinhentos levados ao Lar por duas Senhoras e entregues por uma filhinha; cem a agradecer B. F.; notas deixadas num estabelecimento; duzentos e a visita de Senhoras Professoras; 250 de Senhora Amiga de todas as datas festivas; setenta de visitantes.

Muitas lembranças para o Manuel de Mirandela, a quem já conseguimos um pequenino meio de vida, mas a saúde não o ajuda. Uma destas lembranças é de alguém de Lisboa que muito pobremente anda a arranjar a fazer uma casinha para si e para seus filhos. Gesto de verdadeiros irmãos!

Quinhentos de Senhora que visitei e que alguns dos nossos vendedores muito visitam; quinhentos e dez entregues por um sacerdote; cem mais cem de Pinheiro da Cruz; cento e sessenta de visitantes de Ancas; 40 de visitantes; 150 ao vendedor de Tomar; sessenta de visitantes; quinhentos por alma do Pai; 120 de excursões da Figueira; 93 de visitantes; 150 de promessa pelos filhos duma Mãe pobre que veio de muito longe a pé. Quis dar-

lhe para a viagem e ela renunciou heróicamente.

Cinquenta em selos de Pombeiro da Beira; 250 para assinatura e meus Pobres; cem da Beira; visitantes; cem ao vendedor de Tomar; cem dum sacerdote que passou; vinte de Gavião no aniversário; mil no aniversário de quem nos tem dado amor de verdadeira Mãe.

Passámos, como de costume, por algumas Igrejas de Coimbra. Em Santa Cruz deixámos a presença do Senhor no Pobre e trouxemos nove contos. Em S. Bartolomeu deixámos recados e trouxemos três e pico. Na Sé Velha do mesmo modo e as Criaditas dos Pobres, que são vizinhas, levaram as sacas. Na Sé Nova idem e puseram-nos quatro contos nas sacas. Em S. José, com muita assistência a todas as Missas (graças a Deus) e só colhemos três contos magros.

Tudo somado vai dando para o pão dos filhos de Deus que se habituaram a pouco e vivem contentes.

Padre Horácio

Pão dos Pobres

cont. da TERCEIRA página
rar que os nossos poucos cabelos se arripiem quando surge quem se explique, ainda que simpática e amigavelmente, desta maneira:

«Acabo de receber um postal da Editorial — Tipografia da Casa do Gaiato, prevenindo-me de que eu estava devedor da quantia de 20\$00, proveniente da remessa do livro Pão dos Pobres — III volume.

É possível que sim, é possível que não. É possível que não, porque eu, de vez em quando, manito quantias para pagar os meus débitos atrasados, geralmente em muito maior valor do que aquilo que devo. Entenda-se: o que devo expresso em números.

Seja, porém, como for, aproveito o ensejo para remeter aqui incluso um vale do correio da quantia de 500\$00.

Ainda práqui tenho notícias cheias de oportunidade sobre as nossas dores de cabeça. Porém, o Zé Adolfo e o Fausto são uns relhas que não me largam; tão pouco me deixam escrever calmamente um assunto tão importante. «Preciso já do material. Tenho de mandar as provas prá Censura!», diz o Zé. Que o outro canta mais áspero. E espirra consoante os ventos. Não é verdade. Fausto?

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

Como vem acontecendo há já algumas semanas, iniciamos a nossa crónica de hoje com a campanha do selo.

Uma vez mais tem plena justificação este nosso procedimento, dado o interesse permanente que à volta da campanha se tem verificado. As presenças dos nossos inúmeros amigos sucedem-se quase diariamente, o que nos permite dizer com alguma propriedade, que a campanha tem sido um autêntico êxito.

Até ao vosso conhecimento, queremos hoje fazer chegar uma pequena lista, que é a demonstração clara do que acabamos de afirmar. Iniciamo-la pela capital do Norte, que desde a primeira hora se colocou incondicionalmente ao dispor desta sugestão. Começamos pelo Espelho da Moda, centro de convergência da amizade dos portugueses; um bonito embrulho da Juventude Musical Portuguesa, outro da Caixa de Prev. do Distrito do Porto e ainda uma carta de F. Lucena. Seguidamente, e como que uma passagem por algumas localidades deste cantinho da Europa, surgem a presença amiga de Fornos de Algodres, que além da encomenda, teve palavras de apreço e simpatia; Famalicão, através da assinante 5.743, envia os seus selos usados; do nosso eterno amigo das Caldas da Rainha, uma tri-presença; um seminarista amigo, de Lagos, responde pelo Algarve; Moscavide e Parede, através de Gonçalo Braga e de alguém da Av. da República, respectivamente, fazem-nos aproximar mais da capital portuguesa. Realmente, Lisboa tem sabido portar-se à altura do seu nome de capital. A ilustrar estas palavras aqui vai a discriminação, o mais pormenorizadamente possível, dos selos que nos têm chegado da capital, notando-se uma grande afluência de organismos oficiais, que é afinal a resultante da acção exercida por amigos nossos

dentro dos mesmos. Av. João XXI, envia uma carta repleta, e já não é a primeira vez que isso acontece; a presença costumada da Senhora D. Noémia; Av. Manuel da Maia, Srna. Fernanda de Jesus; Eng. João Serra, presença que também já é habitual; Direcção dos Serviços de Electricidade e Comunicações do Ministério da Marinha, um envelope cheio; próprio do Ministério da Marinha, 3 vezes aquela quantidade; Estabelecimentos Melodia, BASF Portuguesa, Caixa de Abono de Família dos Empregados Bancários e L'Air Liquide completam o quadro das presenças lisboetas.

Finalmente, a encomenda que esta semana resolvemos colocar no quadro de honra. Trata-se dum conjunto de 10 envelopes repletos de bons selos e que nos foi enviado pelo Senhor Fernando dos Prazeres, de Lisboa. Parabéns, e obrigado.

Falemos hoje um pouco da actividade industrial, que neste momento está a sofrer um extraordinário incremento na nossa Casa.

Com o intuito de proporcionar aos rapazes uma preparação profissional, as nossas oficinas têm sido nestes últimos tempos alvo de profunda remodelação. Novas máquinas, novos processos de trabalho, e sobretudo, uma orientação mais consciente, que é afinal a base apropriada. Assim, a Serralharia, fechada há vários meses por saída do mestre e ida de alguns rapazes para a tropa, reabriu agora as suas portas, tendo já recebido alguns rapazes que tinham escolhido a arte. Uma vez mais se teve em atenção a preparação técnica e profissional dos rapazes ao remodelarem-se as nossas unidades industriais. Há que oferecer aos rapazes um ambiente de trabalho o mais equiparado possível àquele com que um dia depararão ao enfrentar a vida. É isso que se tem procurado, é isto que tem absorvido sobremaneira aquele que orienta a Casa, é esse afinal o objectivo primário de todos os esforços envidados por quem sente a necessidade premente de oferecer

aos rapazes o máximo de conhecimentos, conferindo-lhes, por conseguinte, uma melhor preparação para a vida. Resume-se em algumas palavras apenas o fim de toda a acção exercida pelo responsável da Casa: proporcionar ao rapaz uma valorização actualizada nos vários sectores da vida.

LUIS GONZAGA

Lar do Porto

Pela primeira vez tenho a honra de escrever para o «Famoso» e nele vou relatar o momento actual da nossa Conferência. Ela podia, sem margem para dúvida, estar num plano mais elevado se os nossos queridos leitores não se esquecessem dela. Recebemos cerca de 300\$00 de subscritores o que representa muito pouco, pois há dias pagámos duas facturas, dos meses de Abril e Maio respectivamente, e ficámos com um tostão no cofre.

Precisamos realmente da vossa ajuda; sem ela nada feito.

Caso algum dos nossos leitores queira contribuir com uma cota mensal basta telefonar para o nosso Lar ou então entregar o nome, a morada e quanto quer dar por mês a qualquer vendedor do nosso jornal.

Vou relatar uma visita feita pelo nosso presidente a uma das nossas pobres. É ela a Sra. Aida, casada e tem um filho com 12 anos. Vive numa casa imprópria de ser habitada por um ser humano. Há dias o filho caiu à cama muito doente. Tem a tensão alta e sofre muito dos pulmões. O pai vai fazendo seus biscaitos, mas através de um aparelho auditivo e a Mãe idem. Como vêem aqui lhes apresentamos um caso e como este temos muitos outros. E, claro, sem a vossa ajuda nada feito!

HENRIQUE RIBEIRO

Há dias tivemos a visita do nosso Padre Telmo da Casa de Malanje. «Já tinha saudades muito fortes de vós», disse-nos quando chegou. Nós também. E procurámos matá-las naquelas escassas vinte e quatro horas que connosco passou. Foi feliz depois de um almoço alegre e de mandar chover. Como despedida disse-nos que o «leitãozinho» tinha um sabor formidável.

* * *

Fui mais o Senhor Padre Manuel tratar do lançamento da nossa primeira festa no Monumental de Benguela. No regresso vinha pensando naqueles amigos que nos abriram os braços num sorriso amigo e sincero, com o coração aberto para todas as coisas que quizessemos dispôr. Deus manifesta-nos todos os dias o Seu amor por nós e de tantas maneiras! Eu vinha a meditar naquilo e achei-lhe uma profundidade imensa. Temos de fazer uma festa linda! Vamos agradecer dando aquilo que melhor pudermos dar.

* * *

O «Passarinho» e o «Tápuca» são os encarregados do nosso aviário. Em tempos não muito idos eles andavam descontentes, pois de noite e em várias vezes, as melhores galinhas iam desaparecendo a pouco e pouco. Agora, com cães a guardá-las

Carta de BENGUELA

mais um guarda, aquilo mantém-se intacto e eles andam mais felizes. Todos os dias à noite o «Passarinho» vem dar a relação da postura dos ovos daquele dia. Encarnadas puseram tanto; as brancas hoje mais do que ontem; as «pedrezes» tanto, etc.. Os galos e frangos não põem!!! O secretário do aviário é o Senhor P.e Manuel. Daqui a tempos, segundo ele, poderemos fornecer os fregueses que desejarem. Por enquanto os melhores fregueses são os da noite e esses

nem esperam pelo troco nem nada!

Vêm aí o «Niza», «Vila do Conde» e «Funecur». A malta de cá está morta por os abraçar, pois trazem saudades dos nossos de Paço de Sousa. Com eles vem o mestre pedreiro para, em seguida, começarmos com a nossa futura aldeia. O velho sonho de Pai Américo cada vez tem mais raízes: A Obra da Rua em Angola vai sendo uma realidade.

Américo dos Santos



Dia de Festa! O baptizado do Paulo Alexandre.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE